

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA PARA A PRÁTICA DOCENTE

Ana Paula da Fonseca Abreu¹
Rachel Rachelley Matos Monteiro²

RESUMO

Este estudo discorre sobre a temática Formação de Professores e apresenta algumas reflexões durante o processo de formação inicial e profissionalização docente. Nosso estudo teve como objetivo refletir acerca das experiências e reflexões compartilhadas durante os processos formativos para o desenvolvimento de saberes que orientam as ações da prática docente. Partimos do pressuposto que as leituras, olhares, debates e experiências durante a docência são significativas para formar conhecimentos que orientam as ações práticas do professor. A investigação foi de abordagem qualitativa, envolveu estudo bibliográfico e utilizou a postura cartográfica, como postura investigativa. Apoiamos nas obras de Delory-Momberger (2014), Franco e Pimenta (2014), Magalhães Júnior (2009), Nóvoa (2009), Passeggi (2008), Pimenta (1999), Silva Neta; Magalhães Júnior e Machado (2019), Tardif (2002), entre outros. Concluímos que o processo de formação de professores deve ser um processo permanente por possibilitar ao professor a reflexão sobre suas ações, decisões e escolhas no seu fazer pedagógico.

Palavras-chave: Formação de Professores. Identidade. Profissionalização docente.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta reflexões que nos ajudam a pensar sobre formação inicial e profissionalização docente. A trajetória traçada inicia-se com os desafios que surgiram durante minha primeira graduação em História¹ no preparo para o ofício de professora.

A organização do currículo e a sistematização das aulas em disciplinas corridas, por sua vez, deixaram lacunas que foram acumulando no decorrer do processo formativo, a cada disciplina cursada, as dúvidas que surgiam das leituras e que por alguns momentos não eram esclarecidas, pois o ritmo e a organização estrutural da formação eram feitas por ciclos formativos e estes haviam tempos específicos de início e término, com isso, logo estávamos com outro professor e uma nova disciplina. Tínhamos quatro aulas por turno, conteúdos densos e extensos que na maioria das vezes eram exprimidos por conta do tempo, algumas disciplinas duravam uma semana.

¹ Licenciada em História (UVA), Pós-graduanda em Psicopedagogia (FVJ), Graduanda em Pedagogia (UECE), E-mail: anapaula.abreu@aluno.uece.br.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE). E-mail: rachel.monteiro@aluno.uece.br

Nota: ¹ As reflexões e experiências de uma das autoras.

Em alguns momentos a escrita estará em primeira pessoa e em outros momentos na terceira pessoa, no intuito de apresentar reflexões vivenciadas durante a trajetória profissional, como também com diálogo com a pesquisa e os demais autores.

Quando estava iniciando o período do estágio, novamente vieram os questionamentos, quanto ao planejamento, maneira de aplicar as atividades e exercícios durante as aulas, como preencher corretamente os relatórios que deveriam ser prontamente entregues a professora nos encontros marcados para orientação. Nesse processo fazíamos questionamentos que por sua vez não eram esclarecidas que nos causou desconforto na formação pedagógica para o exercício da docência.

Desse modo, surgiram as incertezas e os conflitos da prática docente e cotidiana da sala de aula. Passei a questionar, o que eu precisava saber para ensinar os alunos a aprenderem? Será que estou preparada para realizar essa tarefa? Quando teria a calma e habilidade que os demais professores companheiros de jornada possuíam? Apenas uma certeza me movia, eu queria ser professora.

Após alguns anos de profissão passei a refletir sobre minhas ações, compromisso social que assumi ao me tornar professora, a desmotivação dos meus alunos, as cobranças que a gestão escolar fazia, o que eu poderia fazer para contribuir aos meus conhecimentos profissionais? Precisava ressignificar minha prática docente, estudar e pesquisar. Diante disso, decidi cursar nova graduação e pós-graduação.

Na primeira etapa do projeto de formação que tracei, era necessário constituir uma identidade, repensar as práticas pedagógicas anteriormente adotadas, com características da concepção pedagógica tradicional, saber e poder centrado no professor, com aulas expositivas, leituras e exercícios que pareciam não despertar interesse na maioria dos alunos.

Desta forma, matriculei-me no curso de especialização em Psicopedagogia. Deparei-me novamente com aulas corridas, disciplinas cursadas dois turnos aos sábados, com encontros quinzenais. Comecei a estudar Piaget (2008), Vygotsky (1998), Wallon (2007), entre outros, muitas informações em tempo mínimo, como aprender sobre teorias psicogenéticas, da aprendizagem em um curto espaço de tempo? Percebi que precisava de conhecimentos teóricos pedagógicos para compreender os processos de aprendizagem.

Decidi cursar Pedagogia, e participar de um grupo de estudos sobre formação de professores, desenvolvido por pesquisadores na área da educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE, no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGÉ.

Durante os encontros e discussões em sala de aula, tanto do curso de Pedagogia como do curso de formação de professores, defrontei-me com diversas leituras que eram desafiadoras, porém tornaram-se precisas para meu projeto de formação, Delory- Momberger (2014), Franco e Pimenta (2014), Gautier e Tardif (2014), Magalhães Júnior (2009), Nóvoa (2009), Passeggi (2008), Pimenta (1999), Tardif (2002) entre outros.

Algumas dessas leituras foram oportunizadas pela proposta do grupo de estudos. Que no primeiro encontro acordou, dia, hora, local e obras que deveriam ser discutidas a cada encontro. Foi elaborado um cronograma e a cada quinze dias nos reuníamos para discutir uma obra. Essa experiência foi oportuna, pois a cada leitura e discussão novas percepções sobre formação de professores, identidade profissional e saberes docentes eram constituídos e ressignificados.

O compromisso, a seriedade, os conhecimentos tecidos por cada integrante do grupo, formado por pesquisadores da área da educação me inspirou na busca pelo saber, uma experiência significativa que se constituiu na elaboração desse artigo.

Diante do exposto consideramos a questão: É possível constituir saberes significativos para prática a partir das experiências compartilhadas durante o processo de formação de inicial e profissionalização docente? Como foco para as discussões que aqui serão tecidas.

Deste modo, objetivamos refletir acerca das experiências e reflexões compartilhadas durante os processos formativos para o desenvolvimento de saberes que orientam as ações prática docente.

Organizamos o artigo em duas partes, a primeira: Da constituição da identidade de si ao projeto de formação e a segunda: Projeto de formação inicial e profissionalização docente: ações que se cruzam.

METODOLOGIA

Este estudo é de abordagem qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte, para delinear os percursos, desafios e possibilidades surgidos durante as experiências vivenciadas do projeto de formação em curso.

Conforme o autor, os pesquisadores qualitativos estão inseridos nos locais de estudo, por acreditarem que as ações são mais bem compreendidas quando são observadas no ambiente habitual de ocorrência.

De acordo com Lakatos e Marconi (2010) a pesquisa qualitativa tem como ideia inicial, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo o comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e comportamentos, a fim de compreender os significados.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e será utilizada a postura cartográfica, onde o pesquisador é produtor e objeto de sua própria pesquisa. Ao adotarmos a postura cartográfica apoiamo-nos, nos estudos de Silva Neta, Magalhães Junior, Machado (2019, p. 391):

A utilização da postura cartográfica como orientadora de percurso coloca o pesquisador imerso no processo, não somente como executor da ação de pesquisar, mas como um ente que apresenta suas percepções e sensações vividas no encontro com seu campo e objeto de estudo [...].

A busca pelo saber é um processo com possibilidades variadas, portanto acreditamos que a postura cartográfica é uma prática que permite a reflexão sobre a maneira que pensamos e realizamos nossas ações em nossos percursos pessoais e profissionais.

As inquietações relacionadas ao meu processo formativo e minhas ações como professora me fizeram levantar questões que motivaram a realização dessa pesquisa e tornaram-se objeto de estudo dessa investigação; formação inicial e profissionalização docente, constituição da identidade profissional, saberes para docência.

Este breve percurso e procedimento de escrita apoia-se na postura cartográfica que é uma prática investigativa que procura acompanhar o processo da pesquisa ao invés de procurar o resultado ou conclusão. “[...] compreendemos que ter uma postura cartográfica significa descrever minuciosamente o que fez, porque fez e como fez, colocando-se no processo e refletindo suas escolhas [...]” (SILVA NETA; MAGALHÃES JUNIOR; MACHADO, 2019, p. 392).

Desta forma, ao adotar tal postura, o pesquisador deve estar em movimento atingindo/sentindo aquilo que se quer atingir/sentir. Entendendo que a cartografia busca sempre o processo nunca o fim.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da constituição da identidade de si ao projeto de formação

É através da identificação de quem somos, que nos percebemos e nos vemos e queremos que nos vejam. Vivemos constantemente em busca de nossa subjetividade na tentativa do entendimento de si mesmo. Por isso, entendemos que o individual se constitui dentro do coletivo, da interação do pessoal com o social. Nesta abordagem concordamos com Delory-Momberber (2014, p.256) “[...] o *interacionismo simbólico* postula que, assim como o

indivíduo se constrói em atos sociais de inter-relação e de comunicação, a realidade social é o produto das interações individuais [...]”.

Nessa perspectiva constituir a própria identidade é encontrar o equilíbrio entre o eu e o que os outros esperam que nós sejamos. O outro funciona como nosso espelho social, é na relação que mantemos com os outros que reconhecemos, avaliamos e aprovamos nós e os outros.

Sobre a formação da identidade, apoiamo-nos nos estudos de Pimenta (1999, p.18), “[...] a identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado”.

O processo de formação da identidade pessoal e profissional acontece em meio as transformações físicas, psicológicas, sociais, culturais que fazem parte da nossa história de vida e que acabam por interferir nos caminhos e decisões que tomamos.

Nesta abordagem concordamos com Tardif (2002, p. 232), “[...] o professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática. Ele aborda sua prática e a organiza a partir de sua vivência, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores”.

Durante o percurso formativo que encontra-se em curso, as palavras identidade, formação, pedagogia, possibilidade, desafio, saber, competência passaram a fazer parte da minha trama pessoal e profissional. Para formar conhecimentos teóricos passei a buscar leituras sobre educação em Brandão (2007), Gauthier e Tardif (2014), Rousseau (1995), Saviani (2005) entre outras, uma particularmente chamou-me atenção, talvez pelo fato de ter me identificado com o professor que fora descrito naquele texto.

O texto era; “Ao abrir dos olhos, a angústia ou quando da expulsão do paraíso: Formação do professor pesquisador” (MAGALHÃES JUNIOR, 2009), pesquisador, que por sua vez, foi professor de uma disciplina em que participei. A escritura falava de um professor, que dizia ser capaz de “dar boas aulas” para muitos jovens, porém era incapaz de escrever uma lauda de uma atividade acadêmica. Algo fez com que me identificasse com o “bom professor” ali descrito, minha identificação se deu pelo fato de ter vivido uma situação semelhante, fui para prática sem os conhecimentos e habilidades necessários ao cotidiano escolar. Diante do exposto, de uma coisa estava certa, não queria ser como aquele professor do texto, tão pouco a professora que eu fora.

Do entendimento sobre constituição da identidade profissional, surgiu a necessidade de identificar-me, de reinventar-me, para isto deveria ser sujeito e objeto de minha própria pesquisa. Por que a questão da identidade passou a ser essencial em meu projeto de formação?

Pelo fato de me identificar com a disciplina de História desde o ensino fundamental, optado por cursar o curso de licenciatura em História, me tornado professora dessa disciplina, mas não me considerar historiadora. Para mim faltou o envolvimento com pesquisas, formar saberes científicos consistentes com a formação e a interação de teoria e prática.

A reflexão nos caminhos e nas ações que realizei durante a primeira graduação, o comodismo em não buscar outras possibilidades e novos conhecimentos a partir de uma formação continuada, a falta de envolvimento com pesquisas fez com que eu buscasse um novo projeto de formação, era momento de reinventar-me. Nesta ação apoiamo-nos nos ditos de Scholze (2014, p.90): “A capacidade de reflexão sobre o que fazemos e, em especial, sobre o que fazemos com nós mesmos e o que deixamos fazer conosco é da nossa condição humana e ela se dá pela linguagem como possibilidade de constante re-invenção de si”.

Neste pensar, é preciso saber o que somos, o que queremos, quais ações, que caminho seguir, quais relações devemos cultivar, e a partir dessas questões, refletir sobre nossas ações para realizarmos os objetivos que traçamos. Nessa perspectiva, concordamos com Delory-Momberger (2014) ao relacionar a construção identitária do sujeito ao processo de formação:

O indivíduo adquire sua forma – uma forma que se confronta na repetição e que ao mesmo tempo é sempre dinâmica -, pelo trabalho subjetivo que realizou em suas disposições inatas e adquiridas nos quatro sistemas em cujo cruzamento ele se encontra: o orgânico, o pessoal, o social, o cultural (DELORY- MOMBERGER, 2014, p. 330).

Desse modo, na construção identitária dentro do processo de formação, fez-se necessário a reflexão sob o que é um bom professor? Neste pensar, concordamos com Nóvoa (2009), definir precisamente um bom docente é impossível, porém é possível elencar uma série de disposições que podem orientar essa constituição; busca pelo conhecimento, cultura profissional, trabalho em equipe, ter compromisso social.

A busca pela definição do “bom professor” possui múltiplos véis. Nóvoa (2009), apresentou uma abordagem que conduziu a consolidação de uma trilogia que teve grande sucesso durante o século XX: saber (conhecimento), saber-fazer (capacidades), saber-ser (atitudes). Atitudes que possibilitam a profissionalização docente.

Seguimos então em busca da realização das ações que concretizam meu projeto de formação, procurando estar atenta as orientações que movimentam minha trama pessoal dentro do social. Compreendendo que a constituição da identidade profissional é um processo que exige reflexão de como me vejo, me sinto e me digo professora.

Projeto de formação inicial e profissionalização docente: ações que se cruzam

A temática Formação de professores tem sido explorada por alguns estudiosos nas últimas décadas, e está presente no cotidiano dos debates acadêmicos. No contexto atual, refletir sobre a prática pedagógica, e formar cidadãos condizentes com as exigências no mundo contemporâneo é necessário e ao mesmo tempo complexo por estar em constante mudança.

Segundo Pimenta (1999), repensar a formação inicial e continuada a partir das práticas pedagógicas foi uma das demandas importantes dos anos 90, a aprovação da Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) assinalou um momento de transição significativo para a educação brasileira.

Neste contexto de transição diversas normas orientavam os debates em relação a formação de professores, as finalidades e fundamentos da formação dos profissionais da educação, o lugar da formação para docência, os cursos que poderiam ser mantidos pelos Institutos Superiores de Educação, a carga horária da prática de ensino, a valorização do magistério e a experiência docente.

Foi nesse cenário de mudança educacional, no âmbito nacional, que as produções acadêmicas e experiências de formação para professores das séries iniciais realizadas nas universidades, evidenciavam a importância da formação teórica dos educadores, a relevância da pesquisa, da prática como proposta formativa, a questão dos estágios passou a ser considerada (DURAN, 2008).

Desta forma, a formação assume-se como um processo pelo meio do qual, o professor aprende e desenvolve habilidades inerentes à sua prática. Nesta perspectiva a formação de professores é um espaço de construção, descoberta, mudança, transformações e trocas de experiências.

Neste pensar seguimos com Anastasiou e Gomes (2014, p.139): “[...] ninguém se forma sozinho, ao acaso, para isto existem interações sociais, trocas de experiências, aprendizagens, um conjunto em movimento, uma globalidade própria, num processo global de formação”.

Algumas questões devem ser consideradas durante a formação inicial, e uma delas consiste em aprender a aprender com as experiências. Desta forma concordamos com Baillauquês (2001, p. 47); “[...] a formação inicial é considerada ‘demasiadamente teórica’ ou ‘não suficientemente prática’, ‘muito afastada da realidade de sala de aula’ ou ‘demasiadamente ligada a modelos’”.

Nesta perspectiva, concordamos com Pimenta (1999), quando argumenta que a formação inicial desenvolve currículos formais, com atividades distantes da realidade das

escolas, e os estágios são experiências apresentadas de forma burocrática que acabam deixando lacunas quanto aos conhecimentos práticos para docência.

Sobre essa questão lembro-me de minha primeira formação, dos trabalhos em grupo para apresentação de seminários, primeiros contatos com o ambiente escolar durante o primeiro estágio, período de observar como eu deveria agir em sala de aula como futura professora.

Muitos questionamentos surgiram com os estágios, estou preparada para realizar essa tarefa? O que eu faço se algum aluno me perguntar algo que não sei? Momento constrangedor tanto para o aprendiz quanto para o professor que está acostumado a conduzir sua própria sala de aula sem alguém que modifique sua rotina, porém necessário para visualizarmos o ambiente que pretendemos atuar como profissionais.

Vivi as duas experiências, primeiro como estagiária, depois como professora recebendo estagiários que estava em processos formativos. Sobre essa questão, na formação inicial, lembro dos trabalhos em grupo para apresentação de seminários, primeiros contatos com o ambiente escolar durante o primeiro estágio, período de observar como eu deveria agir em sala de aula como futura professora.

De acordo com Pimenta (1999), é preciso pensar a formação dos professores como um projeto único envolvendo a inicial e a contínua. Desta forma, a formação deve englobar duplo processo: o de auto formação dos professores, com base na reelaboração constante dos saberes realizados na prática, confrontados com as experiências vividas no contexto escolar e o de formação nas instituições escolares em que atuam.

Segundo Tardif (2002, p. 288), “a formação inicial visa a habituar os alunos – os futuros professores – à prática profissional dos professores de profissão e a fazer deles práticos ‘reflexivos’”. Portanto, o professor precisa refletir e estar consciente de suas ações na constituição de sua profissionalização docente.

Já a formação continuada deve estar interligada com a busca pela profissionalização do ensino, não há um tempo estipulado para seu término, porém deve partir da vontade do professor de desenvolver uma prática pedagógica reflexiva (TARDIF, 2002).

Com isso percebemos que a formação se fundamenta em uma reconstrução permanente na busca por saberes profissionais necessários ao exercício, por exemplo: como planejar, avaliar, conduzir processos de aprendizagem, saber quais conteúdos são significativos e precisam ser trabalhos em sala, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a todas as questões aqui levantadas e discutidas sobre identidade, formação inicial e profissionalização docente, constituição dos saberes docentes e a relevâncias das experiências para prática docente, compreendemos que é fundamental a identificação e a significação para a formação do saber-ser e o saber-fazer do professor.

Foi repensando e ressignificado minhas ações pedagógicas que percorremos estes caminhos procurando entender e constituir saberes docentes, que entendemos como uma condição essencial, para a materialização do processo de ensino e aprendizagem em que estamos inseridas.

Um projeto de formação de professores deve contemplar a formação inicial e a continuada, englobando um projeto único, desta forma contemplando um processo de constituição, reflexão e reelaboração da prática pedagógica, desta forma, dialogando com a nossa profissionalização docente.

Compreendemos que a formação inicial e os estágios são início das contribuições e dos caminhos que constituem o “ser professor”, são momentos que contribuem para uma visão, ainda que parcial, da realidade escolar.

Os estágios e programas que permitem ao aluno o contato com o ambiente escolar, habitam e integram os discentes a prática profissional que este pretende atuar como futuro professor. É o momento de relacionar teoria e prática para a constituição de conhecimentos para o exercício de sua atividade docente.

Entretanto é na prática que o professor vai constituindo uma identidade profissional e passa a significar sua profissão, a partir das relações com a comunidade escolar em que está inserido. É na relação com os alunos que o professor aprende a transformar ensino em aprendizagem. O fazer docente toma forma e passa a ser significado e são transformados em saberes docentes.

As contribuições do grupo de pesquisa sobre formação de professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, constituído por doutores (as) e doutorandos (as), mestres (as) e mestrandos (as) e graduandos (as) foi/é uma experiência significativa, pois a diversificação de saberes, a forma de acolher, compartilhar, colaborar entre os participantes contribui de forma positiva no processo formativo que estou inserida, constituindo conhecimentos, ressignificando minha forma de ser e fazer docente. Diferentes pessoas que estão unidas a uma ideia comum: constituir saberes para prática docente.

Deste modo o professor precisa refletir sobre suas ações, decisões e escolhas antes, durante e depois do seu fazer, pois o processo de reflexão é uma forma de constituir e significar os saberes para o fazer pedagógico do professor.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; GOMES, Marineide de Oliveira. Formar e formar-se: a voz e a vez dos professores. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**, volume 2. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 113-144.

BAILLAUQUÊS, Simone. Trabalho das representações na formação dos professores. In: ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne; PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe (Org.). trad. GRUMAN, Eunice; MURAD, Fátima. **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2ªed. Porto Alegre; Artmed, 2001.

BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49ª reimpr. da 1 ed. de 1981. São Paulo: Brasiliense, 2007

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: Da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DURAN, Marília Claret Geraes. Ser professor universitário: entre saberes, relatos autobiográficos e percursos de formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 141-156.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**, volume 2. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Orgs.). **A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **Ao abrir dos olhos, a angústia ou quando da expulsão do paraíso: formação do professor pesquisador**. In: BARRETO, Marcília Chagas; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino; DE SALES, José Albio Moreira (Org.). **Docência e formação de professores: novos olhares sobre temáticas contemporâneas**. Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 121-128.

NÓVOA, Antonio. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. São Paulo: Paulus, 2008.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. reimpr. Rio de Janeiro. Livros técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15-34.

RUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, Da educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SCHOLZE, Lia. Narrativas de si e a possibilidade de ressignificação da existência. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 89-100

SILVA NETA, Maria de Lourdes da; MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; MACHADO, Sarah Bezerra Luna Varela. Postura cartográfica nos percursos de pesquisa. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 386-406, jan./mar. 2019.
<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.AO04>.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.